

Desafio da leitura profunda em tempos de dispersão digital

Por: Antonio Carlos Xavier

Palavras-chave: Leitura profunda, dispersão, internet, smartphone, redes sociais

Introdução

Ler e escrever são as principais habilidades a serem aprendidas no processo de escolarização oferecidos aos sujeitos que desejem exercer sua cidadania na sociedade contemporânea. Embora incontestes os enormes avanços científicos, tecnológicos, econômicos e socioculturais alcançados pela Humanidade até o presente momento da história, há muitos indivíduos que ainda não dominam essas habilidades básicas capazes de torná-los competitivos e fazê-los usufruir das vantagens de tais avanços sócio-técnicos.

No Brasil, 6,8% das pessoas com 15 anos ou mais não foram alfabetizados ainda. O mais grave é que 30.7% dos jovens entre 15 e 17 anos estão fora da escola. É a chamada **Geração “Nem Nem”**¹, que não estudam nem trabalham. Dentre os 69.3% que frequentam a escola, muitos têm dificuldade de lecto-escrita grave.

Os jovens brasileiros de 15 anos que estão na escola e foram avaliados em 2018 pelo Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos, cuja prova é coordenada pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e aplicada em 79 países), obtiveram um desempenho global de 43%, conforme relatório divulgado pelo órgão internacional responsável². Esta pontuação ficou abaixo do nível mínimo de proficiência nas disciplinas de leitura, matemática e ciências.

Como se constatam nos resultados das avaliações nacionais e internacionais, o Brasil tem avançado muito pouco em suas metas educacionais. Ainda que se repita o mantra de que a educação é a única saída eficaz para o desenvolvimento da

¹ <https://nacoesunidas.org/jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham-escolha-ou-falta-de-opcoes/>

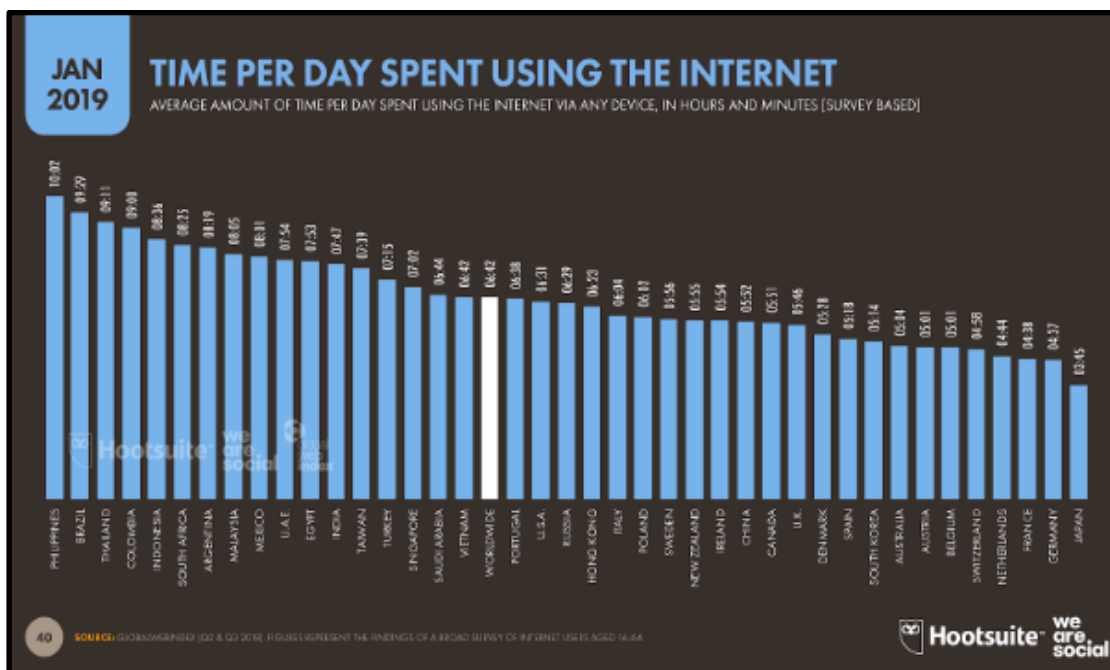
² <http://www.oecd.org/pisa/>

nação, os governantes brasileiros estão longe de oferecer um serviço de ensino de qualidade ao seu povo. Preocupa ainda mais o fato de se ter tantos jovens desistindo da escola antes mesmo de completar a educação básica. Por conseguinte, saem despreparados para a vida e sem as qualificações mínimas para assumir até mesmo funções elementares em postos de trabalho que não exigem competências específicas. Eles ficam à deriva social e profissional, por não dominarem as habilidades essenciais como ler e escrever. Sem perspectiva, muitos perdem o prazer de viver, entregam-se à marginalidade, quando não desistem da própria vida. Não é à toa que se verifica o aumento significativo de suicídio entre jovens na faixa etária entre 15 e 24 anos no Brasil. De acordo com levantamento da Organização Mundial da Saúde (OMS), o suicídio³ já é a segunda causa de morte entre jovens de 15 a 24 anos de idade.

A Pesquisa **2019 Global Digital**, realizada anualmente pela *We Are Social* e *Hootsuite*, revelou que o Brasil é o segundo país do mundo a passar mais tempo online, perdendo apenas para Filipinas. A pesquisa confirmou uma tendência do crescente aumento de tempo gasto na utilização das tecnologias digitais, em especial, no uso diário do telefone celular conectado às redes sociais.

³ <https://veja.abril.com.br/saude/suicidio-e-segunda-causa-de-morte-entre-jovens-de-15-a-24-anos-diz-oms/>

Gráfico 1



Fonte: <https://wearesocial.com/blog/2019/01/digital-2019-global-internet-use-accelerates>

Portanto, este ensaio visa discutir possíveis impactos do aumento de tempo de conexão on-line dos jovens brasileiros, na sua aprendizagem de leitura e, conseqüentemente, de escrita, habilidades extremamente importantes para seu desempenho sócio-acadêmico-profissional.

1. A Conquista da emancipação intelectual

A maior conquista de um ser humano é sua autonomia para pensar por si mesmo, resolver seus desafios com os recursos de que dispõe e protagonizar sua própria história no mundo. Em tempos como os atuais, dominar certas ferramentas e desenvolver determinadas habilidades são condições *sine qua non* para a emancipação e protagonismos existenciais, considerando a crescente complexidade e a escassez de recursos. Emancipação é um processo que exige um grande esforço físico, intelectual e emocional e, até mesmo, sorte, pois nascer em contextos culturais, étnicos, políticos, econômicos e científicos desfavoráveis pode ser um obstáculo difícil para a emancipação no modo e no tempo necessários.

As evidências mais palpáveis de que um sujeito atingiu sua emancipação é o desenvolvimento de sua capacidade de entender, analisar fatos e situações a fim de refletir, decidir e criticar, valendo-se de critérios razoáveis. Só assim ele poderá pensar soluções diante de desafios problemáticos que dele exijam atitude lúcida, inovadora e sustentável a serem enfrentados com coragem e ousadia. Assim, o processo de escolarização tem como objetivo maior ajudar a formar no sujeito a “*criaticidade*”. Em outras palavras, é papel fundamental da escola torná-lo um agente, ao mesmo tempo crítico e criativo, condições que lhe permitirão sobreviver com sucesso na imponderável realidade contemporânea.

Por essa razão, acredita-se que o propósito mais importante do processo educacional seja disponibilizar recursos físicos, educadores capacitados, gestores qualificados, conteúdos contextualizados, metodologias adaptativas e tecnologias eficazes para que sejam forjados aprendizes perspicazes e imaginativos.

Para talhar este perfil de sujeito, a escola tem se esforçado, ensinando-lhe o domínio das habilidades essenciais da leitura e da escrita. Pois, assenhorar-se delas permitirá a continuidade do processo de aquisição de conhecimentos outros, passaporte imprescindível para acesso à emancipação desejada.

2. Dispersos pela mídia digital

No Brasil, o processo de escolarização não tem conseguido cumprir adequadamente seu papel. São muitas as razões a apontar para explicar este fracasso contínuo constatado pelas avaliações externas a exemplo do Pisa, como: falta de investimento na infraestrutura física das escolas, pouca valorização da carreira docente que se manifesta pelos baixos salários e má qualificação dos professores, ausência de uma governança coesa que harmonize as funções dos entes da federação para que cada um cumpra bem seu papel como reza a Constituição brasileira. Todas essas razões são verdadeiras e bem explicam o porquê nossa educação vai mal.

Todavia, queremos discutir um fenômeno mundial relativo ao modo como boa parte dos habitantes do planeta está lidando com as informações. A chegada das novas tecnologias têm levado boa parte dos seus usuários a adotar novos hábitos quase que inconscientemente. A internet, enquanto mídia digital, tem oferecido experiências inovadoras de consumo e de produção de informação. Esta vem se

apresentando de modo cada vez mais diversificado e em volume incomensurável. A quantidade de dados criados nos últimos dois anos é maior do que o total de informação produzido por toda a história da Humanidade. Até o final de 2020, estarão disponibilizados 40 trilhões de dados. O chamado Big Data⁴ se apresenta de múltiplas e inéditas formas. São utilizadas diversas estratégias persuasivas para atrair o navegador para cada nova informação veiculada. Assim, são criados uma pluralidade de atratores para pescar a maior quantidade de potenciais consumidores daquelas informações supostamente necessárias.

A atenção dos sujeitos navegadores da internet passa a ser muito disputada. Entre esses sujeitos estão os adolescentes e jovens estudantes. Eles são os maiores consumidores de informações da internet. Esta enorme oferta de informação, característica da mídia digital, parece estar refletindo em mudança na forma de lidar com os dados disponibilizados. Como são muitas as mensagens e todas elas buscando fisgar a preferência do leitor, muitos têm-se deixado dispersar com muita facilidade ou adotando a prática da simplificação do processamento da apreensão da informação. A dispersão no que se refere ao foco de percepção é uma atitude cara à compreensão e à interpretação de significados dos conteúdos que desafiam o construção de sentido do leitor. Sem concentração não há leitura proficiente, ausência que compromete a assimilação de qualquer dado, commodity elementar para a produção de saberes a serem armazenados na memória do sujeito. Sem concentração focada para entender um fenômeno real ou ficcional, não há escolarização que faça o milagre da leitura proficiente acontecer.

Pesquisa internacional supracitada, **2019 Global Digital**, publicada em janeiro de 2020, busca entender as mudanças no comportamento dos usuários de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Ela oferece um diagnóstico sobre como, onde, para que e por quanto tempo esses usuários estão dedicando suas preciosas horas à navegação na internet, utilizando a telefonia móvel, consumindo os dados ancorados nas redes sociais e comprando produtos e serviços pelo comércio eletrônico. A investigação também entrega análises e prognósticos sobre práticas, atitudes e tendências dos tecnófilos espalhados pelos cinco continentes.

⁴ <https://br.okfn.org/2017/09/29/o-que-faremos-com-os-40-trilhoes-de-gigabytes-de-dados-disponiveis-em-2020/>

Esta pesquisa traz informações importantes sobre os modos de utilização das tecnologias de informação e comunicação no mundo. Entre outras revelações, a pesquisa constatou que a internet vem sendo acessada por quase 4,5 bilhões de pessoas, considerando os cerca de 7,7 bilhões de habitantes das áreas urbanas do Planeta. Ou seja, 58% da população mundial navegam na internet. Mais de 5 bilhões de pessoas têm telefones celulares, como informa o Gráfico 2 a seguir.

Gráfico 2

RELATÓRIO DA PESQUISA MUNDO DIGITAL 2019 Dados essenciais para compreender o uso das mídias sociais, telefonia móvel e internet (janeiro de 2019)				
População Total	Usuários de Telefones Celulares	Usuários de Internet	Usuários Ativos de Mídias Sociais	Usuários de Mídias Sociais Móveis
7.676 Bilhões	5.112 Bilhões	4.388 Bilhões	3.484 Bilhões	3.256
Urbanização 56%	Penetração de 67%	Penetração de 57%	Penetração de 45%	Penetração de 42%

Fonte: <https://wearesocial.com/blog/2019/01/digital-2019-global-internet-use-accelerates>

O Gráfico 2 informa também que são quase 3,5 bilhões de pessoas com perfis ativos nas redes sociais, estabelecendo laços virtuais que, às vezes, se estendem para encontros físicos e ampliam a rede de relações individuais de dimensões impensáveis antes do surgimento da internet.

O crescimento constante do ciberespaço tem se corporificado em comunidades virtuais (Redes Sociais Digitais das mais diversas), que interagem intensamente por muitas trocas de signos multimodais (verbais, visuais, sonoros, hipertextuais), discutindo diferentes questões que passam pelos temas pessoais e profissionais, até a chegar aos culturais, ideológicos, políticos e sociais. Uma rápida olhada no que “rola” nos *feeds* das principais redes sociais permite confirmar esses fatos.

O crescimento exponencial das potencialidades multiformes de uso da internet traz vantagens inéditas, mas também oferece riscos incontornáveis. O

Gráfico 3 da pesquisa revela dados impressionantes sobre a quantidade média de horas gastas por dia acessando à internet. O usuário médio global desta mídia digital passa cerca de 6h30 plugado diariamente.

Gráfico 3

TEMPO GASTO POR DIA NA INTERNET		
Número médio de horas gastas por dia usando a internet por meio de algum dispositivo digital (Janeiro 2019)		
Ranking	País	Horas
1°	Filipinas	10h07min
2°	Brasil	9h29min
3°	Tailândia	9h11min
12°	Índia	7h47min

Fonte: <https://wearesocial.com/blog/2019/01/digital-2019-global-internet-use-accelerates>

Nos casos das Filipinas, do Brasil e da Tailândia, respectivamente, os três países se mantêm on-line mais de 9 horas por dia.

Quando se verifica quantas horas do dia os internautas do mundo vêm usando dispositivos móveis para acessar à internet, o Brasil assume a segunda posição do ranking entre os países pesquisados. O brasileiro vive em média 3 horas e 34 minutos conectados à grande rede por meio de aparelhos móveis, predominantemente o smartphone, informação que consta do Gráfico 4.

Gráfico 4

TEMPO GASTO POR DIA USANDO INTERNET MÓVEL Número médio de horas gastas por dia via smartphone (Janeiro 2019)		
Ranking	País	Horas
1º	Filipinas	4h12min
2º	Brasil	3h34min
3º	Colômbia	3h31min
4º	Indonésia	3h25min
5º	Argentina	3h15min

Fonte: <https://wearesocial.com/blog/2019/01/digital-2019-global-internet-use-accelerates>

Como a Pesquisa **2019 Global Digital** mostrou, a internet parece hipnotizar as pessoas. Ela absorve a concentração das pessoas e parece estar inserindo nelas uma forma de ler e de se relacionar com os textos e hipertextos (XAVIER, 2013b). Há uma espécie de renúncia voluntária a uma navegação relevante em prol de uma navegação fortuita e descomprometida. Isto porque entregar 3 horas e 34 minutos do dia de um bem irrecuperável como o tempo para flamar sem destino no ciberespaço é um comportamento que merece reflexão.

3. Uma Alienação planejada

Na intersecção com essa pesquisa, há um levantamento realizado em 2016⁵ constatando que o usuário médio de tecnologias verifica o celular mais de 2.600 vezes ao dia. O mesmo levantamento informou que os consumidores mais vorazes das informações veiculadas na mídia digital visualizam seus smartphones mais de 5.000 vezes em um intervalo de 24 horas.

⁵ <https://blog.dscout.com/mobile-touches>

E por que isso acontece? São muitos os atratores que surgem na tela do celular: textos, imagens, vídeos, sons, links. Talvez a ferramenta tecnológica que exerça o maior poder de atração e, conseqüentemente, a alienação leitora seja a “barra de rolagem infinita”. Ela funciona como um pântano com areia movediça que suga o sujeito para dentro da tela ao oferecer-lhe novidades em contornos inadiáveis como novos textos, imagens espetaculares, vídeos incríveis com o objetivo de prender o olhar do leitor para a próxima atração *ad infinitum*. A grande parte dos sites, aplicativos e redes sociais foram projetados com este fim: manter o usuário conectado o tempo todo.

Aza Raskin, programador do Vale do Silício, que criou “a rolagem infinita” do smartphone, confirma este propósito. Ele admite estar arrependido (2019) por tê-lo feito, pois não imaginava o poder viciante da sua criação. Raskin percebeu que aquilo que ele havia criado com a intenção de facilitar a experiência do usuário, na verdade, estimula-o a continuar rolando a tela para baixo, porque seu cérebro não acompanha seus impulsos. Tal prática se assemelha ao que se faz em uma máquina caça-níquel de cassino. Nesse processo, a mente gera a expectativa de liberação de neurotransmissores como dopamina, pois o cérebro antecipa a informação de que essa ação poderá trazer algum prazer como forma de recompensa.

A superatenção que a tela do smartphone vem recebendo, tomado aqui como representante das novas tecnologias, traz riscos evidentes, como o da alienação leitora que deixa, no sujeito, a ilusão de, por ter navegado pelas as manchetes e palavras-chave de muitos sites e suas informações, ele pode absorver, por osmose as teses, argumentos e propostas inclusas nos textos lidos ainda que sem muita concentração.

Além de representar oportunidades, “estar conectado” ganhou o significado de estar atualizado e sintonizado com o Século XXI, estar inspirado, manter-se em constante interação, estar livre de fronteiras territoriais, ter liberdade de expressão, poder construir realidades com impactos positivos, viver em equidade de acesso à informação, poder defender direitos e pontos de vista. Isto foi revelado pela pesquisa Juventude e Conexões⁶. Esta pesquisa, que já se encontra em sua 5ª. edição, teve

⁶ http://fundacaotelefonica.org.br/wp-content/uploads/pdfs/juventudes-e-conexoes_educacao.pdf

abrangência nacional e coletou dados sobre como os jovens das cinco regiões do Brasil tem usado as novas tecnologias digitais.

Não obstante às razões apontadas para justificar o grande aumento no tempo de conexão, há de se pensar nas consequências da dedicação de tantas por dia ao ciberespaço e sobre os efeitos na construção de hábitos mentais, em especial, ao que se refere à leitura, atividade essencial para processar as informações veiculadas em qualquer mídia, como já apontava Santaella (2004).

Sabe-se que o cérebro sempre fortalecerá pensamentos e práticas que o sujeito repetir com frequência. Visualizar o smartphone durante muitas vezes ao dia deve repercutir de alguma forma no seu processamento cognitivo (Takeuchi et al, 2018).

4. Efeitos da dispersão na aprendizagem

Não seria um disparate cogitar uma possível correlação entre o aumento no tempo dedicado à navegação na internet e o pífio desempenho em leitura dos jovens brasileiros de 15 anos submetidos ao Pisa. O hábito de “zapear no celular” poderia estar fragmentando sua capacidade de concentração e conseqüentemente interferindo no seu desempenho escolar.

O psicólogo Cristiano Abreu (2019a), coordenador do Grupo de Dependência Tecnológica do Hospital das Clínicas (USP), vem investigando os efeitos de se passar muito tempo conectado. Os resultados de suas pesquisas mostram que o uso excessivo de smartphone está provocando mais ansiedade, depressão, déficit de atenção e tem provocado importantes alterações na estrutura do cérebro.

Estudos da neurocientista da Universidade da Califórnia, Maryanne Wolf (2019), especialista em aquisição de letramentos (leitura e escrita), confirmam os resultados de Abreu. Ela defende a tese de que o modo como lemos formata nossos circuitos cerebrais. Wolf vem constatando que as superfícies digitais permeadas por links, imagens, vídeos, infográficos coloridos e móveis dragam concentração do leitor e tiram seu foco do conteúdo central do texto, retardando as sinapses neurais e, por conseguinte, travando a capacidade de “escavar” sentidos mais profundos. A multimídia, ao mesmo tempo em que facilita o acesso às informações derivadas de fontes variadas, inflama o leitor de dados, testando sua habilidade para compreendê-los e interpretá-los de maneira criteriosa e relevante.

Inundados por tantos dados disponíveis no oceano informacional do ciberespaço (XAVIER, 2013a), cada vez mais acessíveis por meio dos aparelhos celulares à mão, ambos os pesquisadores alertam para o mesmo problema: o internauta está se restringindo a surfar, quando deveriam mergulhar em suas águas profundas. Está desperdiçando a riqueza dos dados, quando não tem paciência para refletir sobre eles e analisá-los criteriosamente, porque os está “lendo distraidamente”. Sem reflexão, a compreensão e a interpretação ficam bastante comprometidas. Como conseguir avaliar implicações que certos acontecimentos acarretam aos indivíduos e à sociedade se não se consegue mais ponderá-los?

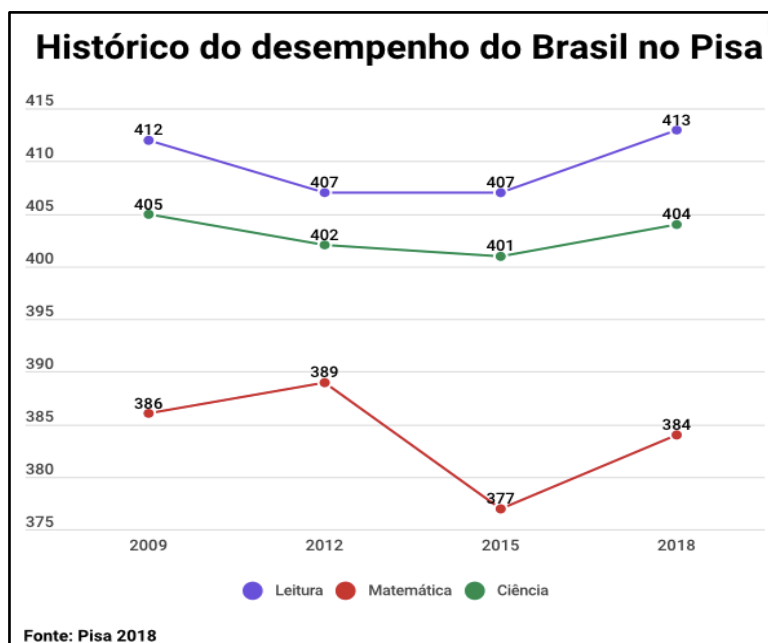
A grande questão que se apresenta é: a leitura está se tornando superficial e os leitores perdendo a capacidade de ler com profundidade? As pesquisas de Abreu e Wolf concluem que sim. Há uma tendência a mudança nos circuitos que envolvem esta habilidade cognitiva: a preferência pela leitura global e horizontal, em lugar de detalhar e verticalizar o processamento dos signos. Esta forma de leitura exige baixa densidade informacional e pouco investimento intelectual, impedindo a maturação das ideias. Trata-se da emergência de um novo modo de dar significados às letras, às palavras e aos (hiper)textos, que disputam espaço nos displays com links, imagens, vídeos, *emoticons* e agora *stickers*. Sim, a dinâmica das novas tecnologias tem imposto a pressa e a velocidade no acesso aos gigabytes de informações despejadas todos os dias nas telinhas dos smartphones. Estão se esquecendo de que a pressa é inimiga da reflexão. A concatenação coerente de dados requer meditação a fim de se transformar em interpretação inteligente, sensata e aceitável.

Diante desta eminente mudança, interessa saber se essa nova forma de ler estaria interferindo no desempenho acadêmico dos estudantes brasileiros de 15 a 17. A falta de um tratamento vertical aos (hiper)textos estaria deixando os jovens mais desatentos e assim bloqueando seu bom rendimento escolar, para o qual a leitura proficiente em alto nível é fundamental.

Quando se observa o desempenho acadêmico destes estudantes, olhando as duas últimas edições do Pisa, percebe-se uma estagnação. Os resultados publicados do último Pisa, considerando as três disciplinas avaliadas, o Brasil obteve 413 pontos em leitura, 404 em ciências e 384 em matemática. Em relação aos resultados de 2015, esta edição revelou um crescimento de três, cinco e dois pontos, respectivamente, o que significa, para o Relatório da OCDE, uma condição

estatística estacionária. O Gráfico 6 a seguir esboça numericamente este desempenho.

Gráfico 6



No que tange ao desempenho em leitura, habilidade enfatizada neste ensaio, pois a cada edição uma das disciplinas é destacada com mais perguntas, pode-se perceber que o escore de 413, no Pisa, coloca o Brasil na 57^o posição entre os 79 países avaliados em 2018, cuja média geral foi de 487 pontos. Essa performance revela que, no que se refere à proficiência em leitura, os estudantes brasileiros estão cerca de dois anos e meio atrás da média dos países avaliados, conforme informou o relatório da OCDE.

Para o Pisa, o letramento em Leitura tem a ver com uma grande quantidade de competências cognitivas, que vão da decodificação básica ao conhecimento das palavras, da estrutura gramatical da modalidade padrão da língua, das características linguísticas e textuais mais amplas e o conhecimento de mundo. São incluídas também as competências metacognitivas e a capacidade de usar uma gama de estratégias adequadas ao processamento textual. Os leitores ativam as competências metacognitivas quando pensam, ajustam e organizam sua leitura a um objetivo específico.

Por essa razão, no Pisa, são consideradas habilidades obrigatórias da leitura proficiente: encontrar, selecionar, interpretar e avaliar informações a partir de uma

grande gama de textos que circulem dentro e fora da escola. Além destas, considera-se importante avaliar possíveis novas habilidades exigidas pela leitura cada vez mais frequente nas tecnologias digitais de informação e comunicação das quais derivam os textos digitais “estáticos” e “dinâmicos”, como são denominados pela Matriz Pisa 2018⁷, documento que justifica as habilidades cognitivas e fundamenta teoricamente as questões abordadas no exame.

Entre as novas habilidades relacionadas ao Letramento em Leitura, como é chamada esta habilidade pela Matriz 2018, estão: saber entender e operar os dispositivos e aplicativos tecnológicos, saber pesquisar e acessar os textos que devem ler, usando mecanismos de busca, menus, links, abas, barra de rolagem entre outras funções presentes nos aparelhos digitais. O leitor contemporâneo precisa aprender a discernir fontes confiáveis de informação e saber avaliar a qualidade de um dado que lhe aparece como verdade. Por fim, este sujeito-leitor deve fazer leituras que corroborem informações, detectando discrepâncias e conflitos para os quais também ache soluções.

A Prova de leitura do Pisa baseia-se em três principais características, quais sejam: a) **Textos**, seus diversos tipos e gêneros, b) **Processos**, tocante à abordagem cognitiva que indica como os leitores se engajam com um texto, e c) **Cenários**, que se referem aos propósitos gerais pelos quais se realiza da leitura. No interior dos cenários, encontram-se as tarefas e metas atribuídas ao leitor que devem alcançá-las para obter sucesso.

A Matriz do Pisa 2018 trabalha com quatro dimensões de texto: fonte (único, múltiplo); estrutura de organização e navegação (estática, dinâmica); formato (contínuo, não contínuo, misto); e tipo (descrição, narração, exposição, argumento, instrução, interação, transação). As três primeiras dimensões são típicas de situações e tarefas específicas e podem acionar o uso de processos específicos de leitura. No entanto, a quarta dimensão é incluída para fins de cobertura de domínio cognitivo.

São considerados parte da realidade contemporânea dos estudantes três tipos de texto com os quais eles normalmente têm muito contato: textos impressos, textos digitais “estáticos” (documentos Word e PDF) e textos “digitais “dinâmicos”. Os links incorporados aos textos digitais “dinâmicos”, que levam a outras páginas,

⁷ <http://portal.inep.gov.br/acoes-internacionais/pisa/outros-documentos>

sites e ambiente virtuais, são considerados de fundamental importância para o processamento da leitura. Saber lidar com eles sem deixar se desconcentrar é também uma atitude avaliada na prova.

Ajustando o foco da análise do desempenho do Brasil em leitura, é possível verificar os pontos fortes e fracos apresentados pelos cerca de 11 mil estudantes brasileiros submetidos ao Pisa em 2018. Um dos principais problemas na resposta às questões de leitura nesta edição do exame foi não responder o item, ou seja, deixá-lo em branco. Cerca de 20% das questões foram deixadas sem resposta. Um item não respondido seguido de outro com resposta válida, a resposta deste é desconsiderada, ou seja, ela é considerada errada. O grande percentual de omissão de resposta ocasiona prejuízo à análise total do resultado. O prejuízo da recusa a resposta a um item é duplicado.

A boa notícia é que os estudantes brasileiros apresentaram boa performance quando se testava sua capacidade de localizar informações no texto e de identificar o sentido literal de uma palavra. Eles mostraram também que não têm dificuldade para entender o tema principal do texto e reconhecer o objetivo proposto pelo seu autor. Por essa razão, eles alcançaram o Nível 2 de proficiência em leitura, o que significa que suas habilidades de leitura lhes permitem adquirir conhecimento e resolver problemas. Demonstraram saber construir sentido por meio de inferências básicas, capturar o propósito implícito do autor, realizar comparações entre afirmações ditas e avaliar a validade dos argumentos expostos.

Contudo, os estudantes brasileiros precisam avançar mais. Há processos cognitivos de leitura a serem adquiridos. Os itens do Nível 3 de proficiência ainda não foram totalmente apreendidos pela média dos estudantes do Brasil. Este Nível testa a capacidade de processamento cognitivo em textos maiores, com mais densidade informacional, muitas informações implícitas, percepção de ideias opostas, levando em conta as estruturas sintáticas mais complexas e o contexto em que estão inseridas. Quanto maior o texto, maior deve ser a atenção dispensada pelo leitor. Neste Nível de leitura, manter a concentração aguçada, procurando diligentemente os detalhes do dito e até mesmo movimentando a barra de rolagem do texto digital, já que o Pisa foi aplicado no Brasil em terminais de computadores, e assim encontrar pormenores relevantes nele contidos, é de fundamental importância à compreensão do leitor. Se o prazo de atenção diminuir, a impaciência abater o

ânimo do leitor, a dificuldade para capturar as filigranas dos raciocínios expressos no texto certamente aumentará.

Em textos mais longos e dotados de grande quantidade de informação, não cabe leitura horizontal, não funciona leitura dinâmica ou diagonal. Não se poderá realizar leitura por saltos, não convém pular de palavra-chave em palavra-chave. Será necessária a leitura verticalizada, mergulhada nas profundezas da reflexão mental que permita ao leitor não apenas localizar informações explícitas, mas identificar o tema e a finalidade do texto. Ele precisará investir em ponderações, ilações, induções e deduções inferenciais, ancoradas nas escolhas lexicais, nas pistas gramaticais, nas sinalizações sintáticas, nos conhecimentos das relações entre os campos semânticos, nos enciclopédicos armazenados na memória e nas abduções pragmáticas percebidas e produzidas pelo sujeito que lê em Nível 4 de proficiência.

Talvez uma das dificuldades para os estudantes brasileiros adquirir este Nível 4 de leitura possa ser atribuída ao fato de muitos escolares passarem tempo demais conectados à internet. No ciberespaco, a grande maioria dos textos digitais são “dinâmicos”, cheios de estímulos, cores e imagens. Sem um projeto de leitura definido, os navegantes flanam rapidamente de um texto a outro, procurando aquele que lhes for mais atraentes (XAVIER, 2013b). Não há tempo a perder decifrando signos obscuros e sinais enigmáticos de pensamentos complicados à primeira vista. O hábito de fugir à complexidade dos temas e assuntos mais densos parece estar levando os leitores jovens da atual temporalidade a um modo de ler descomprometido e negligente. Eles não vêm razão em investir na reflexão. Desistem com muita facilidade e rapidez de ler textos cujo conteúdo e estruturação sejam mais desafiadores e, por isso, imediatamente julgados como “confusos” e descartáveis (YOUNG & ABREU, 2019).

Curioso é perceber que a performance dos estudantes brasileiros no Pisa vai caindo na mesma proporção que aumentam os níveis de leitura na escala da mesma avaliação. Os itens do Nível 4 de leitura contemplam textos mais longos, com conteúdos mais densos e de formatos e de gêneros mais diversificados. Para efetuar uma leitura proficiente de Nível 4, deve o leitor se esforçar bem mais, pois ele precisará reconhecer as características de formato e de gênero dos textos em análise, saber se eles corroboram entre si ou se contrapõem-se em suas teses.

Logo, o sujeito-leitor deverá identificar o conflito, integrar dados, conectar referências e vincular retomadas de elementos comuns aos textos em cotejamento. Neste patamar de abstração, exigem-se do leitor tarefas mais sofisticadas diante de textos múltiplos que reclamam um processar cognitivo mais laborioso e refinado como relacionar, comparar, inferir, avaliar, escolher e concluir. Elaborar e aplicar critérios para checar a credibilidade das fontes, dos autores e das informações veiculadas nos objetos lidos e assim embasar um posicionamento em relação ao tema abordado são movimentos que se exigem dos leitores para que provem que já alcançaram o Nível 4 da Matriz do Pisa 2018.

Para isso, há de se ter grande atenção disciplinada, caso contrário as várias etapas do processamento cognitivo descritas anteriormente não se consignarão. Essa profundidade de reflexão não pode ser esporádica ou episódica. Ela tem que ser repetida, exercitada, treinada para ser naturalizada no aparato cognitivo do leitor até que ele se torne proficiente. Quando se foge a esta prática de reflexão leitora, o ato de se apresenta esvaziado, pobre e banal. Pensar com densidade exige esforço mental, para o qual deve-se se investir tempo, paciência e concentração. Não seria exatamente esse tempo tão importante à leitura reflexiva e profunda que os jovens brasileiros têm entregue à internet (9 horas e 34 minutos por dia) e provocado seu mau desempenho escolar que se evidencia em avaliações externas?

Vale à pena cogitar a correlação entre os baixos escores em leitura dos estudantes brasileiros no Pisa com o aumento do tempo em que eles se mantêm conectados à internet. Os estudantes chineses, por exemplo, que apresentaram o melhor desempenho em leitura do Pisa, fizeram 555 pontos. Contudo, eles estão na 28^o colocação em tempo gasto com internet e redes sociais. Já o Brasil, ocupa a 57^a posição em leitura e ocupa a 2^a colocação mundial entre os que mais tempo passam on-line.

Certamente, são necessárias outras evidências para comprovar essa correlação entre baixa proficiência em leitura e tempo desperdiçado em visualizações fortuitas em sites da internet. Contudo, ao se considerar os resultados das investigações sobre os efeitos no processamento da leitura dos usuários de internet feitas pelos pesquisadores Young & Abreu (2019b) e Wolf (2019), aqui mencionados, acende-se uma luz verde para se provar esta correlação. Gastar muito tempo “zapeando” sem projeto de leitura definido ou sem paciência para se

debruçar atentamente em algum texto pode indicar uma mudança no modo de leitura.

Para Wolf (2019), o conteúdo e a motivação para ler são fatores que podem desencadear modificações no modo como se lê e, conseqüentemente, na qualidade do pensar, de acionar os circuitos cerebrais envolvidos no processamento das informações. A pesquisadora defende a leitura como um dos fatores que modificam os circuitos cerebrais, já que a plasticidade permite ao cérebro modelar-se por agentes externos a ele como o uso de um sistema específico de escrita, por exemplo, o português em contraste ao japonês. Em outras palavras, o modo de organização dos circuitos cerebrais envolvidos na leitura pode ser transformada pelas características específicas da mídia digital a qual os jovens estudantes estejam mais expostos.

A variedade de distrações tem roubado constantemente a atenção dos jovens estudantes brasileiros que têm acessado a internet como fonte de entretenimento, primordialmente, e de informação, pesquisa e conhecimento, secundariamente (TAKEUCHI, 2020). Por conseguinte, eles ficam em estado de atenção parcial contínua e, por isso, menos desafiados a construir sua bagagem de conhecimentos, matéria-prima insubstituível para se chegar a conclusões por si mesmos. Construir convicções para si é uma clara evidência do desenvolvimento de um pensamento crítico e prova inquestionável da conquista de emancipação intelectual, o maior desejo dos defensores da democracia como sistema de governo, já só dessa forma cumpre-se o objetivo do processo de escolarização na vida do estudante.

Considerações Finais

Obesos de informação e anoréxicos de conhecimentos? Seria esse o resultado dos sobrevoos por palavras-chave dos (hiper)textos sem pousos firmes e confiáveis em nenhum deles? Se informações isoladas não geram conhecimento, não chance de pedaços delas pinçadas aqui e acolá se transformarem em algum saber completo e pronto para ser integrado e internalizado. Dizendo de outra forma, não se pode esperar que a leitura que grande parte dos jovens têm feito na internet por meio de smartphones hoje, constituída por visualizações aligeiradas de palavras

soltas, cujas informações não são acessadas inteiramente, se tornem matérias-primas para se construir um saber útil e armazenável na memória do leitor.

Não se pode apreender um todo se apenas fragmentos são conhecidos. Concentrações parciais geram, conseqüentemente, incompreensões que levarão a pensamentos fragmentados, incapazes de desenvolver alguma criticidade e qualquer criatividade para solucionar desafios interpretativos.

Neste momento privilegiado da Humanidade, em que testemunhamos a mudança de ciclo histórico, a passagem de bastão da Cultura Escrita à Cultura Digital, o modo de processar as informações pela leitura pede muita atenção dos pesquisadores. Talvez, os saltos às palavras-chave e a atenção impaciente possam instaurar um novo modo de ler igualmente legítimo, funcional e prazeroso em comparação à leitura lenta, reflexiva e profunda. Os curtos-circuitos mentais pelos quais os jovens estudantes estão sofrendo hoje talvez os levem ao novo caminho de desenvolvimento do cérebro na busca por uma resposta adaptativa à quantidade de signos e estímulos que eles precisam processar em tão pouco tempo. Talvez, as novas gerações tenham o privilégio de aprender os modos horizontal e vertical de realizar suas leituras.

Contudo, até o momento, o que se podem ver são leitores nascidos no Século XXI que, mesmo antes de aprender o velho e eficaz jeito de ler vertical e profundamente, estejam utilizando quase que exclusivamente o “jeito novo de ler”, cujos leitores do século XX, ainda o chamam de leitura superficial.

Referências

ABREU, Cristiano. **O Cérebro digital: como o uso constante da internet está afetando nossa mente.** Blog do Dr. Cristiano Nabuco, 2019a. Disponível em <<https://cristianonabuco.blogosfera.uol.com.br/2019/07/16/o-cerebro-digital-como-uso-constante-da-internet-afetando-nossa-mente/>> Acesso em: 15 de dezembro de 2019.

OLSON, David. **O Mundo no Papel. As Implicações Conceituais e Cognitivas da Leitura e da Escrita.** São Paulo: Ática, 1997.

RASKIN, Aza. **I'm sorry.** The Times, 2019. Disponível em <<https://www.thetimes.co.uk/article/i-m-so-sorry-says-inventor-of-endless-online-scrolling-9lr59mdk>>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no Ciberespaço: o Perfil Cognitivo do Leitor Imersivo.** São Paulo: Paulus, 2004.

Pesquisa **Juventude e Conexões**: Fundação Telefônica, 2019. Disponível em< http://fundacaotelefonica.org.br/wp-content/uploads/pdfs/juventudes-e-conexoes_educacao.pdf>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

Putting a Finger on Our Phone Obsession. Mobile touches: a study on how humans use technology. Dscout, 2016. Disponível em<<https://blog.dscout.com/mobile-touches>> Acesso em 16 de dezembro de 2019.

TAKEUCHI, Hikaru et al. **Impact of frequency of internet use on development of brain structures and verbal intelligence: Longitudinal analyses.** Wiley Online Library, 2020. Disponível em <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/hbm.24286>> Acesso em: 20 de fevereiro de 2020.

WOLF, Maryanne. **O Cérebro digital: os desafios da leitura na nossa era.** São Paulo: Editora Contexto, 2019.

YOUNG, Kimberly & ABREU, Cristiano (Orgs). **Dependência de Internet em Crianças e Adolescentes: Fatores de Risco, Avaliação e Tratamento.** Porto Alegre: ArtMed, 2019b.

XAVIER, Antonio Carlos. **Retórica Digital: a língua e outras linguagens na comunicação mediada por computador.** Recife: Pipa Comunicação, 2013a.

_____, **A Era do hipertexto: linguagem e tecnologia.** Recife: Pipa Comunicação, 2013b.